



WAGNER BERBER

José Resende: o mesmo raciocínio rigoroso na escultura de 1970...

Arte

Fora do circuito

Exposição revive em SP a antiga vanguarda

Inaugurada em São Paulo na semana passada, no momento em que algumas publicações internacionais decretavam a morte da arte de vanguarda, a exposição do escultor José Resende (Gabinete de Arte Raquel Babenco, preços de 70 000 a 160 000 cruzeiros) poderá servir como um curioso divisor de águas para artes locais.

Recusado pelo circuito das galerias há mais de cinco anos e sem muito trânsito nos museus, pois seu trabalho exige grandes espaços, é preciso admitir que este isolamento beneficiou o trabalho de Resende. Ele não foi vítima do desgaste dos anos 70 e pertence a um pequeno grupo que permaneceu *off-Collectio*, ou seja, fora do *boom* do mercado de arte que, há dez anos, tentou criar mitos e desencadear uma escalada delirante nos preços de arte.

Quando os comentaristas internacionais falam da crise das artes, têm três pontos fortes a tratar. A monotonia de artistas que repetem algumas poucas fórmulas mentais, uma violenta especulação do mercado, que cansou do que é contemporâneo, e o cansaço do público, que pretende um novo escapismo fora das áridas questões intelectuais.

Nenhuma destas respeitáveis razões foi aplicável ao mercado local ou à nossa produção artística, que teve um ritmo de crescimento diferente. A produção artística entre nós é divulgada sem uma política cultural e sem uma informação sólida que esclareça a qualidade de uma obra de arte. Foi assim que o aparato cinematográfico da Galeria Collectio de São Paulo criou nos anos 70 valores que não tiveram fôlego nem para cinco anos. Mais que isso, inflacionou os preços e finalmente provocou a insegurança que devolveu o público à tranqüilidade dos medalhões da Semana de 1922.

Por outro lado, mesmo os violentos jovens de 1968 foram adotando as suas tintas para pássaros tropicais e obras mais comportadas. E se no Rio de Janeiro houve alguns sobreviventes que resistiram a essa acomodação, é inegável dizer que a presença de Hélio Oiticica ou as distantes experiências de Lygia Clark na Europa estimulavam os poucos sobreviventes.

PROVA DE PRESTÍGIO — A abertura da exposição de Resende em São Paulo teve um comparecimento maciço de artistas que já exerceram alguma liderança nos meios da vanguarda brasileira. Todos eles agora são muito cuidadosos, e com justiça, no uso deste termo. Dos solitários Sérgio Camargo e Mira Schendel, isolados em suas respectivas



KEIJI KOBAYASHI

...e nos trabalhos de hoje

produções desde os anos 60, a Antônio Dias, uma fulgurante presença da década de 60 que trocou durante doze anos o Brasil pela Europa, e até mesmo os mais jovens, como Cildo Meirelles, cuja produção também ameaça permanecer inédita.

O que fica provado com esta exposição é que o repertório da obra de Resende é mais resistente que o mercado ou as dúvidas de um público desatento. São peças de formas simples porém de materiais contraditórios e de difícil instalação. Tubos de borracha, retalhos de couro, arcos de ferro e latão e chapas de madeira e metal. Mas ele mostra duas grandes esculturas do início de 1970 e as peças recentes. É possível então perceber que nessas associações de formas inesperadas — complicadas para colocação doméstica — existe uma ousadia inventiva, uma segurança na articulação das idéias, que deverão continuar por muito tempo. As peças sugerem reflexões sobre o repouso, a tensão, o equilíbrio e o próprio espaço em que estão colocadas. E, para um escultor que ficou tanto tempo fora da raia, já existem compradores atentos e até mesmo disputas pela veiculação do seu trabalho.

Pessoalmente, Resende não está tão

preocupado com sua colocação no mercado de arte. Ele tem uma preocupação na maneira de criar suas formas que sobrevive no procedimento para divulgar sua obra. Houve momentos em que interrompeu sua produção para dedicar-se a publicações como *Malasartes* ou *A Parte do Fogo*, de nível teórico.

PROBLEMAS PARALELOS — A vinda para a exposição de artistas como Antônio Dias, Cildo Meirelles ou a presença de Sérgio Camargo e Mira Schendel não só reforça um pacto silencioso entre estes artistas como é um bom exemplo de problemas paralelos.

Para estes nomes, a vanguarda nunca significou a nova tendência de ocasião e cada um deles conseguiu definir um raciocínio que justifica a produção de sua obra. Por isso, mesmo quando se fala no retorno às técnicas tradicionais, à matéria da pintura ou à figuração, estas ameaças não os alcançam. Porque o que acontece ao redor dos centros de produção é uma absoluta carência de criadores com uma obra constante e original. Que é o caso destes brasileiros que, no entanto, nem sempre têm divulgado o seu trabalho. Sérgio Camargo tem problemas inversos. Incluído em museus do mundo todo, teve que praticamente custear a sua exposição de sessenta mármores no Museu de Arte de São Paulo, já que sempre são parcas as verbas oficiais. Antônio Dias, ao renunciar ao Brasil por tão longo período,



WAGNER BERBER

Camargo, Mira Schendel e Dias

VEJA, 1.º DE ABRIL, 1981

THE UNFINISHED MONUMENT



Antônio Dias: "Monumento Inacabado" da série "A Ilustração da Arte"

também perdeu a possibilidade de mostrar regularmente o que estava fazendo. Ele é um dos artistas que confirmam que essa produção que foge a padrões mais portáteis e tradicionais está confinada nos estúdios de cada um. "Desde 1969 os meus trabalhos continuam uma série que eu chamaria de Ilustração da Arte. Porém não é verdade que meus objetos da primeira fase sejam disputados por colecionadores. A maioria deles ainda está comigo." Antônio já tem uma exposição marcada num museu de Frankfurt, com uma retrospectiva para 1982. Mas, no Brasil, lembra que o MAM do Rio continua praticamente inativo. Cildo Meirelles tem o mesmo problema de divulgar seu trabalho: em vez de obras para despertar a posse, procura fazer ambientes, instalações ou o que chama de "interferências nos circuitos de distribuição". Um exemplo é o "Zero Cruzeiro", que em notas e moedas deveria circular de mão em mão, numa alusão simbólica a todos os jogos de circulação do dinheiro. Cildo também tem uma produção regular de desenhos, mas seu interesse maior está em projetos difíceis de realizar sem um espaço amplo ou condições de financiamento.

Para todos estes artistas, uma alternativa que durou pouco foi o Espaço ABC de Arte Contemporânea, coordenado pelo crítico Paulo Sérgio Duarte no Parque da Catacumba, no Rio de Janeiro. Depois de um ano, esse local

foi desativado, e os artistas incluídos no verbete "contemporâneos" têm que brigar por espaço dentro das salas da sede central da Funarte.

Grande parte do caos em que submergem os compradores de arte no Brasil é que galeristas ou mesmo museus não têm uma linha definida de propostas estéticas. Quem hoje mostra um severo escultor quase sempre tem, no calendá-



Cildo Meirelles: criando o "Zero Cruzeiro"

rio do ano, inexplicáveis exposições de grande sucesso financeiro. Por isso também a exposição de José Resende e a presença destes artistas na sua inauguração chega a ser uma ação significativa. É possível que estes solitários sem espaço para amostragem de obras sejam a chave da produção brasileira dos anos 80, livre de comercializações mais simplórias. No mundo todo estão faltando artistas que, além dos objetos, reflitam o pensamento que os produziu. Mas o público também percebeu que, depois das poeiras vanguardistas ou a recuperação de falsas figuras históricas do passado, são poucos os artistas que sobrevivem.

CASIMIRO XAVIER DE MENDONÇA